

MANIFESTAÇÕES LÚDICAS NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ OBSERVADAS UTILIZANDO O MÉTODO BICK

Sarah Rabelo de Souza¹⁴ e Jorge Luís Ferreira Abrão¹⁵

Resumo: a brincadeira da criança possibilita que ela seja introduzida no universo sócio-histórico e cultural de forma gradativa, prazerosa e eficiente. O objetivo deste trabalho é descrever a relação entre mãe-bebê, nas manifestações lúdicas, e a postura da mãe em relação a esse contato. Foi utilizado o Método Bick de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB), de base psicanalítica, e uma entrevista semiestruturada. Os sujeitos foram um bebê, entre seus quatro e sete meses de idade, e sua mãe. Foram realizadas observações semanais com duração de uma hora cada, em um período de três meses, na casa do bebê. Os resultados apontaram para a grande interação mãe-bebê, nas questões lúdicas, e de diferentes maneiras e situações. Foi possível verificar brincadeiras de aparecer e desaparecer, de opostos e de repetição, compatíveis com a idade do bebê. De acordo com a literatura, isso indica que o bebê estava percebendo, de maneira mais integrada, a mãe e os objetos, possibilitando que ele utilizasse o brinquedo para lidar com sua ansiedade. Desta forma, as brincadeiras e a maneira como a mãe posicionou-se diante das interações lúdicas com seu bebê puderam contribuir para a entrada do bebê no mundo simbólico e, conseqüentemente, sua imersão no meio sociocultural.

Palavras-chave: Relação mãe-bebê, Brincar, Método Esther Bick, Psicanálise.

Abstract: the child's play allows the person to be introduced in the socio-historical and cultural universe in a gradual, pleasant and efficient manner. The aim of this study is to describe the relationship between mother and baby, in recreational manifestations, and the mother's position in relation to this contact. We used the Bick Method for Observation of the Mother-Baby Relationship (ORMB), psychoanalytic base, and a semi-structured interview. The subjects were a baby, about his four and seven months old, and his mother. Weekly observations were made lasting one hour each, over a period of three months, at the baby home. The results indicated a great mother-baby interaction in recreational issues in different ways and situations. We could check games of appear and disappear, opposites and repetition suitable with the baby age. According to the literature, it indicates that the baby was realizing, in a more integrated way, the mother and objects, allowing him to use the toy to deal with his anxiety. In this way, the plays and the way how the mother has positioned herself in front of the playful interactions with her baby can contribute to the baby's access into the symbolic world and, consequently, his immersion in the socio-cultural environment.

Keywords: Mother-baby relationship, Playing, Esther Bick Method, Psychoanalysis.

Introdução

O ser humano, desde o nascimento, vai constituindo sua subjetividade, conforme vai mantendo relações com outros seres humanos. A primeira pessoa com quem o bebê tem contato, no início de sua vida, é a mãe. Entende-se como “mãe” a pessoa que dará os primeiros cuidados e atenderá ao bebê em seus chamados para ser alimentado e cuidado, além de fornecer afeto e proteção. Neste artigo, baseado em um trabalho de pesquisa de estágio para formação de psicólogo, pretende-se discutir os resultados de observações dos

¹⁴Professora do IMESA-FEMA. Mestre em Educação - UNESP/Marília. Aluna do 5º ano de graduação em Psicologia - UNESP/Assis (sarahrs@femanet.com.br).

¹⁵ Professor Doutor Livre-Docente do curso de Psicologia - UNESP/ Assis.

contatos entre mãe e bebê, a fim de tentar compreender a forma como a mãe se coloca na vida do bebê, a partir das questões lúdicas. As visitas de observação à residência de uma família foram semanais. Utilizou-se o Método Bick de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB), estando o bebê no seu primeiro ano de vida. Foi aplicada uma entrevista semiestruturada à mãe a fim de obter dados sobre a família e o bebê.

Neste trabalho, foram considerados os referenciais teóricos de Hellen Bee sobre o desenvolvimento do bebê e de Melanie Klein, Donald Winnicott e outros autores de base psicanalítica sobre o brincar e a relação mãe-bebê.

O desenvolvimento do bebê

O bebê observado nesta pesquisa foi uma menina, Alice¹⁶, que estava com idade entre os quatro e sete meses de vida. Por essa razão, aqui são apresentados alguns aspectos dos bebês menores de um ano de idade relacionados ao brincar e à relação mãe-bebê apresentados por Bee (2003): habilidades sociais, habilidades motoras, o ato de brincar e o balbucio.

Desde muito pequeno, o bebê tem comportamentos que acabam atraindo uma maior atenção do adulto, tais como chorar, aconchegar-se e tranquilizar-se em resposta aos cuidados dos pais. Essas são manifestações das habilidades sociais do bebê, que aparecem desde o nascimento. Nas primeiras semanas, aparece o sorriso de prazer, ou social, em resposta à voz humana ou em resposta a um rosto em movimento, por exemplo. Dos dois aos três meses, as expressões emocionais dos bebês podem indicar tristeza, raiva e surpresa. Aos quatro meses, as crianças começam a rir. Dos quatro aos sete meses, eles podem demonstrar surpresa, medo, raiva ou alegria. Ao longo desses meses, cada vez mais as reações emocionais do bebê se tornam responsivas às emoções que os pais expressam (BEE, 2003, p. 116-117).

As habilidades motoras podem ser diferenciadas em habilidades motoras amplas (de movimento) como sentar, engatinhar, andar, correr, andar de bicicleta, e as chamadas habilidades motoras finas (de manipulação) como agarrar ou apanhar objetos, segurar um lápis ou usar uma agulha. Essas duas modalidades de habilidades estão presentes, de alguma forma, em todas as idades, mas, como regra geral, as motoras amplas se desenvolvem mais cedo que as motoras finas.

Quanto às habilidades motoras amplas, o bebê de um a três meses manifesta o reflexo de caminhar, ergue a cabeça e senta com apoio. Dos quatro aos seis meses, ele rola, senta com apoio nas costas e pode rastejar. Dos sete aos nove meses, consegue sentar sem apoio.

As habilidades motoras finas se manifestam nos bebês de um a três meses, pela capacidade de agarrar objetos que colocam em sua mão e que, mais tarde, conseguem golpear. Dos quatro aos seis meses, tentam alcançar objetos e agarrá-los com uma das mãos. Dos sete aos nove meses, conseguem transferir um objeto de uma mão para a outra e, aos nove meses, são capazes de apanhar

¹⁶ Nome fictício.

um objeto com o polegar e o indicador na forma de pinça (BEE, 2003, p. 147-148).

As brincadeiras estão relacionadas ao desenvolvimento cognitivo da criança. A criança, no primeiro ano de vida, passa boa parte de seu tempo explorando e manipulando objetos, desenvolvendo seus esquemas sensório-motores (BEE, 2003, p. 203). Logo, as brincadeiras são aquelas de pegar o objeto, levá-lo à boca, jogá-lo ao chão, chacoalhá-lo, movimentá-lo ou batê-lo no chão ou sobre outro objeto. O objeto explorado, inicialmente, será seu corpo e o corpo da mãe, para depois passar a outros objetos.

A comunicação entre mãe e bebê também é um aspecto a ser observado nas questões lúdicas. Os bebês já nascem com a capacidade de identificar sons da fala. Com um ou dois meses, já distinguem sons de várias letras; alguns meses depois são capazes de distinguir sílabas ou palavras, além de perceber que os sons são acompanhados pelos movimentos da pessoa que está falando (BEE, 2003, p. 259). Além disso, são perceptíveis aos padrões de entonação e ênfase da fala que estão escutando. Juntamente com essa habilidade distintiva, o bebê também produz sons.

Do nascimento até um mês de vida, o som mais comum que o bebê produz é o choro, embora existam outros sons de reclamação, gorgolejo e satisfação. Esse repertório se amplia em um ou dois meses, quando começamos a ouvir alguns risos e sons vocálicos de arrulho, como uuuuu. Sons como esse, em geral, são sinais de prazer no bebê e podem apresentar grande variação de tom, subindo e descendo em volume e altura (BEE, 2003, p. 260).

Entre os seis e sete meses, os bebês já têm o controle muscular necessário para combinar sons de consoante com os de vogal. Nesse período, conseguem realizar a vocalização chamada de balbucio. No começo, os sons são combinações da mesma sílaba como “nanana” ou “dadada”, passando, depois, para combinações de sílabas diferentes, chamadas de jargão ou balbucio variado. Os balbucios vão adquirindo entonação, que é resultante dos padrões da linguagem que o bebê escuta na interação com o adulto. Além disso, o balbucio é uma parte importante para a preparação para a linguagem falada. Portanto, a interação de balbucios e sons entre bebê e adulto podem ter sua característica lúdica, além de desenvolver a capacidade de imitação e simbolização por parte do bebê.

O brincar e o desenvolvimento do bebê

Lebovici e Diatkine (1985) definem brinquedo como uma ação livre, fictícia, sentida como situada fora da vida habitual, onde os objetos podem adquirir vida e se transformar, conforme a ilusão de quem brinca. Para esses autores, o “modo como a criança brinca é um indicativo de como ela está e de como ela é” (p.6). Assim, o brincar é “uma expressão da atual organização de sua personalidade, e um modo estruturante das organizações mais tardias” (p.19).

Desde cedo, o bebê manifesta uma preparação para o jogo nos movimentos que faz com o corpo, ao chupar as mãos ou o polegar, por exemplo, chamados por Lebovici e Diatkine (1985) jogos funcionais. Estas seriam atividades pré-lúdicas, ou seja, aquelas que correspondem ao “manejo concentrado e jubiloso de um objeto material substitutivo. Supõe a objetualização (ou carga de representação)” (p.28). Essas atividades permitem ao bebê prescindir da mãe. Há a interação social entre a mãe, que oferece o objeto (chupeta, brinquedo, paninho, etc.), e o bebê, que o recebe. É por intermédio do brincar que o bebê começa a conquistar o mundo exterior e a entrar em contato com os objetos e a simbolização.

Considerando a linha psicanalítica de Melanie Klein sobre desenvolvimento psíquico da criança, o bebê, nos primeiros meses de vida, se relaciona com o objeto de amor como um objeto parcial, ou seja, sem autonomia em relação ao corpo dele, sendo visto por ele como um prolongamento de seu corpo, “um pedaço do mundo a ser consumido ou rejeitado na justa medida das necessidades e desejos do bebê” (CINTRA, 2010, p. 79). Nessa posição, denominada de esquizoparanoide, a angústia predominante é o medo de ser aniquilado e há a preocupação com a preservação do ego. Esse período é marcado pelos pensamentos persecutórios para se defender, pelo sadismo e ataques contra a mãe, numa dimensão de voracidade. Os mecanismos de defesa utilizados são a cisão, a projeção e a negação da realidade psíquica. Amor e ódio são vividos de forma separada.

Por volta dos quatro meses o bebê começa a ter uma relação com o objeto total, ou seja, as partes da mãe, que eram vistas como separadas (seio, mãos, olhos, colo, etc.), começam a ser percebidas como uma forma completa. O mesmo ocorre com seu ego, que começa a ser mais integrado. Amor e ódio são integrados à pessoa e aos objetos. Nessa posição, denominada depressiva, aparece a ansiedade pela perda do objeto amado e a culpa por ter feito algum dano, surgindo o conflito entre amor e ódio. Já há a introjeção do “objeto bom”, que é “o nome da experiência de encontro entre a necessidade da criança e o que o ambiente pôde efetivamente proporcionar a ela. Esse objeto introjetado será a fonte das pulsões de vida e do amor” (CINTRA, 2010, p. 84). Na posição depressiva, o bebê começa a ter contato com outros interesses, outras pessoas e objetos, além da mãe. Isso desperta ansiedade e o brinquedo oferece a possibilidade, ao bebê, de elaborá-la. Essa ansiedade é “o estímulo mais essencial, que nos capacita para o trabalho e desenvolvimento interno, ao longo de nossa vida, transcendendo nossos próprios limites para nos ocuparmos dos demais” (PEREZ-SANCHEZ, 1983, p. 97).

Segundo Aberastury (1992), o bebê descobre a brincadeira de aparecer e desaparecer entre quatro e seis meses, período marcado pela passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva. O bebê tenta, nessa fase, “elaborar a necessidade de se desprender da relação única com a mãe para poder passar para a relação com o pai; desse modo, se estabelece a tríade mãe-bebê-pai, que é a base das futuras relações do indivíduo com o mundo” (ALBERASTURY, 1992, p. 15-16). Ao brincar, a criança pode deslocar para o

exterior seus medos internos, dominando-os por meio de uma ação. A criança brinca, não só para repetir situações satisfatórias, mas para elaborar situações dolorosas e traumáticas. Pelas características de objeto do brinquedo, a criança pode exercer sobre ele o controle da ação e da repetição. Isso diminui a ansiedade relacionada a uma situação emocional sobre a qual ela não tem controle.

A angústia da separação que motivou seus primeiros brinquedos continua elaborando-se neste período, em cujo transcurso os objetos se juntam e se separam num contínuo repetir-se de encontros e desencontros. Assim como se constituem, neste primeiro ano de vida, os fundamentos de sua vida mental, também seu mundo lúdico se origina desses primeiros jogos de perda e recuperação, de encontro e separação (ABERASTURY, 1992, p. 33).

Os jogos do primeiro ano de vida darão as bases do brincar simbólico e das sublimações da infância, que conduzirão aos jogos amorosos e à compreensão e participação das construções culturais do homem.

Para Oliveira (2000) a brincadeira da criança, desde o nascimento, a “introduz de forma gradativa, prazerosa e eficiente ao universo sócio-histórico-cultural.” (OLIVEIRA, 2000, P. 16). Essa autora considera três grandes núcleos organizadores em que o brincar atua: o corpo, o símbolo e a regra. Os jogos iniciais do bebê, com seu próprio corpo, são importantes na construção da inteligência e de seu desenvolvimento emocional, “contribuindo para sua afirmação pessoal e integração social” (OLIVEIRA, 2000, p. 16). Essas brincadeiras são condições para a passagem de uma vida mais próxima do biológico, alicerçada nos reflexos, para o ingresso gradual e lento no mundo humano marcado pelo simbólico.

A interação mãe-bebê é um facilitador para o desenvolvimento do bebê sob diversos pontos de vista, como o cognitivo e o emocional. Assim como Aberastury (1992), Oliveira (2000) afirma que o bebê tem que lidar com a falta da mãe. É ela que o alimenta, protege, aquece, conversa, brinca, se ausenta e depois volta. Assim, após momentos de frustração, o brinquedo compensa e equilibra o organismo, que dá forças ao bebê para suportar a ausência da mãe. As brincadeiras dos bebês possuem um caráter cíclico, que vai e vem, numa atividade lúdica, que “expressa, simbolicamente, que está aprendendo a esperar e suportar a tensão e a frustração da separação” (OLIVEIRA, 2000, p. 17).

Winnicott (2002) considera que há uma fase intermediária entre o mundo inicial do bebê e quando ele já possui um eu integrado, que consegue diferenciar o mundo interno do mundo externo. É nessa fase que o bebê se relaciona com objetos, chamados de transicionais. Essa relação será, para Winnicott, a origem das relações com os símbolos. Esses objetos também servem para que o bebê aprenda a lidar com a angústia da separação. Uma das características principais dos objetos transicionais é o fato de eles serem criados, ou seja, de eles manterem o caráter da ilusão de “criar o mundo em

que se vive”. Esse aspecto criativo relaciona-se com a atividade do brincar espontâneo. “Se, por um lado, é no brincar que o indivíduo encontra a si mesmo”, por outro, “é no brincar e na criatividade, que ele reconhece que a vida vale a pena ser vivida” (FULGENCIO, 2011, p.396). É no brincar e, portanto, no início do processo de simbolização, quando da criação de objetos transicionais, que a vida cultural é constituída como algo compartilhável. O indivíduo constrói algo para si e para a sociedade.

Winnicott (2002) considera que a brincadeira se configura num aspecto universal da natureza humana; é a sua própria essência. Para esse mesmo autor, portanto, o campo das atividades lúdicas seria uma área intermediária entre os processos biológicos de maturação e uma combinação satisfatória de condições ambientais. As atividades lúdicas, que podem ser observadas na interação mãe-bebê e que são muito intensas nas crianças mais novas, possibilitarão o início do processo de simbolização e, conseqüentemente, a entrada na vida cultural. A relação com a mãe, especialmente quando mãe e bebê entram em um acordo numa situação de alimentação, será a base de um relacionamento humano e será, a partir daí, que a criança irá estabelecer a capacidade de relacionar-se com objetos e com o mundo.

Pode-se verificar, portanto, a importância do brincar, no desenvolvimento do processo de simbolização da criança, fato apontado por vários autores, considerando a linha teórica psicanalítica. Todos concordam que a relação entre a mãe e o bebê será o início do processo de formação do “eu” do bebê, possibilitando que ele se torne cada vez mais autônomo e capaz de produzir cultura.

O método de observação utilizado

O método de observação escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi o Método Bick de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB), criado por Esther Bick em 1948. O objetivo desse método de observação era o de promover a formação de psicoterapeutas de crianças, na Clínica Tavistock, em Londres. Para Oliveira-Menegoto et al. (2006, p. 81),

O método Bick de observação está ancorado nos principais pressupostos da Psicanálise, tais como: inconsciente, transferência e contratransferência e atenção flutuante. Nesse sentido, o observador ocupa lugar de destaque no método. Ele não é neutro, tampouco objetiva manter-se numa atitude de neutralidade, como no caso da observação de cunho experimental. Considerando os aspectos transferenciais, o observador é tido no método Bick de observação como participante, mas sua interferência deve ser a mínima possível, para que não se produzam maiores distorções no que se desenrola na família. Ele deve permanecer no campo emocional do bebê e seu entorno, mas deve evitar causar grandes perturbações no meio familiar.

Portanto, o método de observação considerado nesta pesquisa é de base naturalística (KOMPINSKY, 2000), ou seja, a pesquisadora foi até a casa do bebê e observou, em seu ambiente familiar, a relação mãe-bebê. As visitas

foram semanais e com a duração de uma hora cada. Não foram realizadas anotações durante o período de observação e a pesquisadora tentou obter informações, sem interferir na relação mãe-bebê e no ambiente. A observadora, apesar de tentar não intervir nas situações, não se colocou como neutra, tentando responder, prontamente, às demandas emocionais da mãe e constatar suas próprias emoções.

A não interferência na situação é um fator relacionado ao aprendizado profissional da pesquisadora, pois possibilitou uma experiência com a realidade presente, de maneira que ela teve de controlar seu impulso de modificá-la quando esta se tornava conflitante. À acadêmica, cabia somente refletir sobre a situação apresentada (MELEGA, 2008).

Logo após cada observação, seguindo o método de pesquisa adotado, a pesquisadora realizava um relatório, tentando descrever o maior número de detalhes possível sobre a relação mãe-bebê e o ambiente. Essas anotações serviam como base para os encontros de supervisão, que ocorriam semanalmente durante o período da pesquisa.

A entrevista

Antes de iniciar as observações, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a mãe do bebê, para verificar alguns dados sobre o casal e a chegada do bebê.

Os pais de Alice se conheceram há 12 anos e eram casados há 3. O pai tinha 30 anos e a mãe, 28; ambos possuíam curso superior. A gravidez de Alice foi planejada e tranquila: a mãe não teve enjoo e trabalhou até o 5º mês de gravidez. Alice nasceu de um parto cesáreo descrito como tranquilo, com 2,700 kg e 46 cm. A amamentação foi, exclusivamente, de leite materno até o 5º mês; depois, a alimentação da bebê foi complementada com a introdução de frutas e suco.

Alice é a primeira filha do casal e primeira neta por parte de pai e de mãe. Os familiares moram próximos. Durante as visitas, foi comum encontrar algum membro da família na casa, além da mãe e do bebê, como a avó materna, uma tia materna, o avô paterno e o pai.

A família sempre foi muito receptiva com a pesquisadora. A mãe falava de maneira calma, num tom de voz nem muito baixo nem alto. O bebê aparentava sempre ser muito saudável e bem cuidado. Sorria muito e, quando chorava, apresentava sinais de sono (coçava os olhos, fechava mais pausadamente as pálpebras, deitava a cabeça no ombro da mãe, ou se aninhava no colo com a cabeça virada para a mãe) ou de fome (movimentava a língua na boca e fazia movimentos com os lábios, segurava a mãe com as duas mãos e buscava a mama, roçando os lábios no colo ou no rosto na mãe).

As interações lúdicas observadas entre mãe e bebê

As observações das interações lúdicas entre a mãe e seu bebê, Alice, uma menina entre seus 5 e 7 meses de vida, foram realizadas na casa delas, sendo semanais e com duração de uma hora cada.

As observações ocorreram, geralmente, na sala de estar da casa. O ambiente era comprido: de um lado ficava o sofá de três lugares e uma poltrona. Do outro ficava um móvel com a televisão e uma pequena escrivaninha com um *notebook*. A observadora geralmente se sentava na poltrona que ficava ao lado do sofá maior de três lugares.

Das observações realizadas, foram selecionadas algumas formas de interação lúdica entre mãe-bebê, as quais foram organizadas, neste trabalho, da seguinte forma: manifestações relacionadas com o corpo do bebê (como pegar as mãos e os pés), manifestações relacionadas com os movimentos com o bebê no colo da mãe (sentada e de pé), manifestações sonoras (cantar, emitir sons), oferecimento de objetos (mãos, paninho, brinquedos), expressões faciais (sorrir, fazer caretas). Aqui são apresentados alguns recortes dos relatórios de observação realizados pela pesquisadora, a fim de ilustrar as interações mãe-bebê ocorridas durante o período de observação.

Brincando com o corpo

Alice brincava muito com o próprio corpo e interagia com a mãe e com o pai, tentando pegar o rosto ou as mãos deles. Ela parecia gostar de balançar seus próprios braços, pegar uma mão com a outra, mexer os dedos, pegar os pés, levar os pés e as mãos à boca, como descrito nos relatos apresentados a seguir.

Relato 1: “A mãe ficou brincando com Alice enquanto cortava as unhas. Conversava, beijava os pés do bebê. O bebê sorria e mexia bastante os braços e às vezes em direção ao rosto da mãe”.

Relato 2: “Pouco tempo depois, Alice acordou e aos poucos foi sorrindo para a mãe, que falava com ela, que estava ainda deitada. Ela mexia os bracinhos para cima e pegava uma mão com a outra, movimentando bastante os dedos. Depois, abria os braços. Ela parecia brincar com o próprio corpo. Em seguida, a mãe pegou o bebê no colo e a bebê olhou para mim. Eu a cumprimentei com um sorriso. Ela sorriu para mim. Mexia os bracinhos e sorria”.

Foi possível presenciar a brincadeira com o próprio corpo também no momento da amamentação:

Relato 3: “A mãe olhava para o bebê o tempo todo da mamada, o bebê esticava os bracinhos em direção ao rosto da mãe, e a mãe beijava a mão do bebê. Depois da mamada, a mãe, sempre sorrindo, colocava no seu colo o bebê, de pé, para arrotar, o bebê olhava para mim sorrindo e continuava a mexer os bracinhos, às vezes em direção ao rosto da mãe”.

A mãe realizou uma brincadeira em que ela estimulava o corpo de Alice com leves toques pelo corpo da filha, feitos com o polegar e o dedo indicador

com movimentos na forma de pinça. A mãe falava que eram “formiguinhas” e falava com a filha em um tom de brincadeira, “manhês¹⁷”. Essa brincadeira ocorreu uma vez quando Alice estava no colo da mãe e em outra ocasião, em que Alice estava deitada no sofá, como descrito no Relato 4.

Relato 4: “A mãe, em outro momento, brincou com ela de “formiguinha”, que consistia em ir “beliscando”, levemente, todo o corpinho do bebê. Nesse momento, o bebê ficou quietinho, olhando para o lado da televisão que estava ligada. A mãe falou que, quando ela brinca assim, o bebê fica quietinho “sentindo cada parte do corpo” (fala da mãe)”.

No colo da mãe

Era possível observar outras manifestações de ludicidade entre mãe e bebê, quando a mãe segurava Alice no colo.

Quando estava sentada, ela pegava Alice com as duas mãos na cintura e a levantava. Sempre olhando para a filha, ela falava ou soltava sons formados por vogais, como “aaaa”. Alice sorria para a mãe e firmava as pernas no colo. Seus braços se movimentavam também e, às vezes, em direção ao rosto da mãe.

Quando a mãe pegava Alice no colo e ficava de pé, ela sempre interagía com a filha, falando, cantando para dormir ou brincando de “formiguinhas”. A mãe sempre olhava para a filha e balançava o seu próprio corpo para frente e para trás.

Alguns relatos descrevem essas manifestações lúdicas no colo da mãe.

Relato 5: “Percebi que ela ficou com as pernas firmes quando a mãe a colocou no colo. Depois a mãe a colocou sentada e ela começou a chorar. A mãe ficou de pé com ela e brincou com cosquinhas feitas com as mãos e sempre conversando com ela, dizendo que eram “formiguinhas””.

Relato 6: “A mãe, que estava sentada no sofá, brincou com ela no colo, deixando-a de pé e levantando levemente, sempre olhando para o bebê e conversando com ela. Depois a bebê balbuciou e começou a choramingar. A mãe ficou em pé, sempre com o bebê de frente para ela, olhando e conversando com a criança. Quando a mãe a afastava levemente, a bebê esticava os braços em direção ao peito da mãe”.

Relato 7: “A mãe segurou a bebê de frente para ela e a bebê ficou com o rosto no peito dela. Com uma das mãos, a mãe fazia carinho na cabeça do bebê e com a outra segurava uma das mãos do bebê. Ele no início agarrou os dedos da mãe e depois dormiu e ficou com os dois braços soltos. A mãe ficou cantando baixinho e embalando o bebê, balançando para frente e para trás”.

Oferecendo objetos

A mãe também oferecia as próprias mãos e brinquedos para a filha, de maneira lúdica. No início das observações, a bebê nem sempre interagía com

¹⁷ Linguagem que a mãe dirige ao bebê de forma suave, melodiosa, ritmada, caracterizada por frases curtas, repetições, velocidade lenta, prolongamento de vogais e cujo tom da voz é mais agudo (FLORES et al., 2011).

o brinquedo, mas na última observação, ou seja, quando já haviam se passado quase três meses, ela já interagia mais com os objetos.

Relato 8: “A mãe ofereceu um brinquedo de morder para o bebê que o jogou no sofá. A mãe me disse que ela estava brincando de jogar as coisas. Que às vezes ela colocava a bebê no carrinho e ela jogava o brinquedo para “chamar a atenção” (fala da mãe)”.

Relato 9: “A bebê olhava para a mãe e depois para mim, sempre sorrindo. Por instantes, fiquei em silêncio e a mãe brincou com o bebê, batendo palmas levemente e mostrando as mãos em direção ao bebê. Também fazia sons brincando com o bebê, com uma entonação de brincadeira. O bebê estendia os bracinhos para as mãos da mãe e, às vezes, fazia um movimento com os braços de cima para baixo, como se balançasse os braços. Quando ela fazia esse movimento, também emitia sons como gritinhos. A mãe ficou ainda por uns instantes só observando a bebê, que tentava pegar um patinho de borracha. Ela o pegou e o colocou na boca, fazia o movimento com os braços e jogava o brinquedo. A mãe pegava esse patinho e colocava perto do bebê. Noutra ocasião a mãe pegou um pato menor e colocou dentro de um brinquedo na forma de cilindro, de vários tamanhos de modo que é possível colocar um dentro do outro. A bebê viu mas continuou brincando com o outro pato”.

Foi possível verificar outras manifestações lúdicas da mãe e seu bebê. Em relação às manifestações sonoras, houve as da mãe para o bebê, sempre olhando para ele, como: conversar com o bebê, cantar, emitir sons e balbucios, bater palmas, produzir som de um brinquedo (chocalho, brinquedo de apertar, brinquedo musical). O bebê, em muitas ocasiões, emitia balbucios e risos, sons que demonstravam alegria ou iniciando o choro.

Em todos os momentos observados, houve grande interação mãe-bebê relacionadas às expressões faciais e à imitação, como o olhar, o sorrir, as caretas. A mãe mostrando o “dar tchau” ou o “bater palmas”.

Considerações finais

Na idade em que Alice se encontrava, entre cinco e sete meses, ela já era capaz de fazer a integração do objeto, ou seja, já identificava a mãe, o pai e seu corpo como integrados, como descrito por Cintra (2010). Estaria passando da posição esquizoparanoide para a depressiva, segundo a teoria de Melanie Klein. A angústia da ausência do objeto ainda poderia ocorrer e o bebê estava começando a procurar brincadeiras com o seu corpo, com o corpo da mãe e com outros objetos.

Percebe-se que as atividades que o bebê realizava com o próprio corpo eram intensas nos momentos das observações. Esses movimentos com o corpo são chamados por Lebovici e Diatkine (1985) de jogos funcionais. Estas atividades seriam denominadas por esse autor como pré-lúdicas, nas quais o bebê maneja um objeto substitutivo permitindo que ele se mantenha existindo na ausência da mãe. Além disso, o brincar com o corpo ou com objetos é o início da simbolização e uma maneira de organização da sua personalidade. Oliveira (2000) também coloca a importância dessas brincadeiras com o corpo para o

ingresso gradual e lento no mundo humano, marcado pelo simbólico. A interação mãe-bebê é um facilitador para o desenvolvimento cognitivo e emocional do bebê.

Segundo Lebovici e Diatkine (1985) e Aberastury (1992), a maneira como a criança brinca diz muito sobre como ela está. Alice se mostrou uma menina muito sorridente e ativa. Seus pais, nos momentos de observação, mostraram-se sempre sorridentes e interagiam com o bebê. Como ela já tinha cinco meses no início das observações, ela já ria e demonstrava alegria. Suas expressões emocionais eram respostas às emoções expressas dos pais, como descrito por Bee (2003, p. 116-117).

Nas observações realizadas na casa do bebê utilizando o Método Bick de Observação da Relação Mãe-Bebê, portanto, foi possível identificar algumas ações que mostram como a mãe se coloca diante das questões lúdicas com seu bebê. Foi possível, também, realizar uma revisão teórica sobre o desenvolvimento da criança e sobre a importância do brincar, tendo como referencial a teoria psicanalítica. A interação da mãe nas questões lúdicas com o bebê foi observada em vários aspectos e isso contribuirá para a entrada do bebê no mundo simbólico, possibilitando a imersão no meio sociocultural.

Referências

- ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- CINTRA, E. M. U. CINTRA, L. C. F. **Estilo e pensamento**. São Paulo: Escuta, 2010.
- FLÔRES, M. R.; BELTRAMI, L.; SOUZA, A. P. R. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. **Distúrbios da Comunicação São Paulo**, (23): 143-152, agosto de 2001. Disponível em < <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8270>> Acesso em 29 Abril 2015.
- FULGÊNCIO, L. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, set-dez 2011, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Abril 2015.
- KOMPINSKY, E. Observação de bebês: método e sentimentos do observador. In: CARON, N. A. (ORG). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, p.9-43.
- LEBOVICI, S.; DIATKINE, R. **Significado e função do brinquedo na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- MÉLEGA, M. P. Metodologia da observação da Relação Mãe-bebê na Família. In: _____ **O Olhar e a escuta para compreender a primeira infância**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008, p. 39-46.
- OLIVEIRA, V. B. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos In: OLIVEIRA, V. B. DE (ORG.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 15-32.
- OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. et al. O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 2, p. 77-96, 2006. Acessado em 29 de

Nov. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Abril 2015.

PEREZ-SANCHEZ, M. **Observação de bebês: relações emocionais no primeiro ano de vida.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.